



GYASI, YAA. *HOMEGOING*. NEW YORK: KNOPF, 2016.

Louise Marie Goodman*

* Imariegoodman@gmail.com
Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo
PósLit - UFMG.

“Atualmente, os alunos aprendem a história através de uma narrativa fixa — um processo que reforça a ideia equivocada de que o passado pode ser sintetizado em apenas uma crônica de centenas de páginas. Tal ensino finge que há uma história coletiva uniforme, o que é comparável a dizer que tudo mundo se lembra do mesmo evento da mesma forma. Mas a história é tudo menos unânime”.¹

A citação, sendo do artigo “O Problema com Aulas de História” por Michael Conway na revista *The Atlantic*, foi o ponto de partida do discurso da jovem escritora Yaa Gyasi no Festival de Livro de Savannah, no dia 18 de fevereiro de 2017. Com vinte e sete anos, a autora de *Homegoing*, um livro lançado pela editora estadunidense Knopf em junho de 2016 por meio de um contrato de assinatura de mais de USD\$1.000.000 (e que acabou de entrar na décima oitava

reimpressão), apresentou um dos livros mais aguardados da década sobre a história do escravismo no palco da Primeira Igreja Batista da cidade de Savannah, uma das únicas igrejas não destruídas na marcha do General William Sherman para retomar uma das últimas cidades conquistadas pelas forças Yankees antes da rendição dos Confederates na Guerra Civil Americana.

A obra é o romance de estreia de Gyasi, nascida em Gana e radicada no Alabama, EUA, formada em Letras pela Universidade Stanford e pós-graduada pelo Programa de Escritores da Universidade de Iowa. A origem da história está na viagem que ela fez aos 20 anos para seu país nativo. Ela chegou ao sítio histórico do Castelo de Cabo Corso em 2011 — coincidentemente na mesma semana em que também chegou o então presidente estadunidense Barack

1. CONWAY. “The Problem with History Classes”, s.p.
As traduções desta resenha são de minha autoria. No original: “Currently, most students learn history as a set narrative— a process that reinforces the mistaken idea that the past can be synthesized into a single, standardized chronicle of several hundred pages. This teaching pretends that there is a uniform collective story, which is akin to saying everyone remembers events the same. Yet, history is anything but agreeable.”

Obama — para ver uma das “Portas de Não Retorno”, de onde saiu a maioria dos escravos da África Ocidental antes de serem mandados para as Américas via tráfico.

A história se desenvolve em torno das meias-irmãs Effia e Esi. A primeira, uma adolescente linda, se casa com um dos Oficiais Britânicos e mora no andar superior e de luxo do Castelo de Cabo Corso com famílias europeias. A segunda, Esi, é capturada e escravizada, partindo do mesmo castelo em que sua irmã mora em direção aos Estados Unidos. Segue, depois dessa separação, uma árvore genealógica que lembra aquelas de *Cem Anos de Solidão* de Gabriel Garcia Marquez e *Buddenbrooks* de Thomas Mann, que traça os descendentes das duas irmãs do século XVIII até o presente. Os capítulos seguintes se alternam entre as narrativas de tais descendentes, oscilando entre os dois lados do Atlântico, e traçam a história por meio dos dois lados da família. São trezentos anos revisitados através de oito gerações, em um romance que consegue capturar os episódios históricos mais marcantes do escravismo e de suas consequências. Cada capítulo, segundo a autora, foi um projeto de pesquisa com o objetivo de recuperar as vozes menos ouvidas de tais períodos, que incluem e tratam de, entre outros: a Declaração de Emancipação; as leis de Jim Crow, que limitaram os direitos civis de afro-americanos nos EUA até o ano de 1965; a escravidão por meio do arrendamento de presidiários, ou

“peonagem”, que forçava condenados a trabalhar nas obras da reconstrução depois da Guerra Civil; a Grande Migração Negra, na qual mais de 1,7 milhões de afro-americanos emigraram do Sul para o Norte do país entre os anos 1910 e 1930 em busca de maiores oportunidades econômicas e para escapar do racismo; e a “Renascença do Harlem”. A narrativa termina quando os caminhos dos bis, bis, bis, bis, bisnetos das duas meias-irmãs se cruzam e os dois descendentes fazem juntos uma viagem, tal como a escritora, para conhecer o Castelo de Cabo Corso.

A obra se mostra mais como uma coleção de contos de que como um romance. Cada descendente ganha seu próprio capítulo, cada narrativa é escrita de forma distinta da anterior. Por exemplo, a jovem Effia, quando o medo a impede de falar, consegue articular seu passado através da história por trás de cada cicatriz marcada permanentemente no seu corpo depois de anos de violência familiar; seu corpo é o manuscrito que registra as tragédias que ela não consegue falar. Em outros casos, a narrativa está na escrita musical do jazz. Em outros, como no caso de Yaw, um professor em Gana nos anos 1950, a narrativa se revela na sua aula intitulada “História é contar histórias”, na qual ele convence os seus alunos — em sua maioria jovens negros — a repensar a escrita da história e seu papel no processo: “Acreditamos que alguém tem o poder. É ela que pode escrever a história.

Então, quando você estuda história, você tem que se perguntar, 'Falta a história de quem? Qual voz foi suprimida para que se pudesse contar tal história?' Uma vez que você descobre isso, tem que encontrar aquela história também".²

O tema central do romance é o questionamento do conceito de uma narrativa fixa da história. Pois os personagens da obra mostram uma história do tráfico de escravos fora das dicotomias típicas da história escrita nos livros didáticos: europeu e africano, negro e branco. Tribos africanas, nas guerras que travavam entre si, capturaram e venderam escravos para os europeus e foram responsáveis pelo destino das meias-irmãs. Os descendentes da Effia enfrentam diariamente a complexidade de ter por pai um comerciante de escravos britânico e uma mãe de uma tribo da qual muitos passaram pela "Porta de Não Retorno" que seu pai administrava. O romance segue tocando as lacunas isoladas, ou seja, os entre-lugares da narrativa da história da escravidão e em suas implicações posteriores.

Cada capítulo gira em torno de uma pergunta central: qual é a origem de tal sofrimento? A resposta nem sempre é falada, mas sempre retorna, de uma forma ou outra, à imagem do Castelo de Cabo Corso — onde o romance ganhou sua origem. O Castelo, que assombra todos os personagens, é a lembrança de uma realidade que era, ou poderia ter sido, de qualquer personagem. Como a personagem Akua fala para

seu filho Yaw, "ninguém esquece que esteve preso, mesmo que agora esteja livre".³ Se para o filósofo francês Paul Ricoeur a memória se define como a "presença de uma coisa ausente, marcada pelo selo da anterioridade",⁴ o Castelo é a memória de uma raiz sempre presente e, ao mesmo tempo, ausente para todos os personagens, menos para a primeira e para a última geração — que o conhecem pessoalmente. O título do romance se refere à lenda na qual as almas dos africanos sequestrados e tirados do seu continente podem voltar para a África depois de morrer. Se o romance, com todas suas tragédias, oferece um desenlace feliz, isso se dá no fato de que a última geração da família não tem que esperar a morte para fazer sua viagem de retorno ao Castelo do Cabo Corso.

Por mais dolorosa que a história da Effia, Esi e seus descendentes seja, Gyasi não hesita em apresentá-la para o leitor. Apesar do peso da narrativa, Gyasi, uma malabarista de palavras, consegue conceder uma voz única a cada personagem. Em prosa poética, o romance é bem sucedido em marcar intensamente as conexões familiares entre os personagens. O problemático do livro talvez esteja no fato de ser um projeto demasiado ambicioso. Ao longo da tarefa, parece que a escritora tentou dar passos maiores do que suas pernas. Pois a elaboração de suas personagens e localidades é pouca e não deixa o leitor entrar no mundo que a escritora

2. GYASI. *Homegoing*, p. 226.
No original: "We believe the one who has the power. He is the one who gets to write the story. So when you study history you must ask yourself, 'Whose story am I missing?, Whose voice was suppressed so that this voice could come forth?' Once you have figured that out, you must find that story too."

3. GYASI. *Homegoing*, p. 242.
No original: "No one forgets that they were once captive, even if they are now free."

4. RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 18.

tenta criar. No entanto, para ser justa com a escritora, talvez o que falte na obra seja mesmo sua intenção. As personagens são relativamente desconhecidas, não apenas para o leitor, mas entre eles — seus próprios familiares —, e eles só se conhecem através de fragmentos de uma narrativa histórica ainda no processo de ser escrita.

REFERÊNCIAS

CONWAY, Michael. The problem with history classes. In: **The Atlantic Online**, Washington D.C., 16 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/education/archive/2015/03/the-problem-with-history-classes/387823/>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

GYASI, Yaa. **Homegoing**. New York: Knopf, 2016.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et.al. Campinas: Unicamp, 2007.